

Número de famílias na miséria cresce 30% em 1 ano em São Paulo

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

Em janeiro de 2021, cerca de 473 mil famílias estavam na situação de miséria em São Paulo. Neste ano, são 619 mil, segundo a prefeitura da capital paulista. (Foto: NELSON ALMEIDA/AFP via Getty Images). O número de pessoas em situação de miséria na cidade de São Paulo cresceu 30,82% dentro de um ano, segundo apontam dados da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social da prefeitura da capital paulista. As informações são do G1. O levantamento, obtido pelo G1, foi realizado a partir de dados coletados do Cadastro Único (CadÚnico) do município que compreende o período de 2021 e 2022. Ainda de acordo com os dados, mais de 619 mil famílias estão vivendo em situação de extrema pobreza na cidade de São Paulo. Em janeiro de 2021, 473.814 famílias estavam nesta situação e, neste ano, são 619.869, aumento de 30,82%. A definição de extrema pobreza pelo governo brasileiro difere do utilizado pelo Banco Mundial. Para a instituição, considera-se nesta faixa quem tem renda diária per capita de US\$ 1,90, ou cerca de R\$ 274,50 mensais. Para o CadÚnico, a extrema pobreza são aquelas famílias com renda per capita mensal de até R\$ 105. O valor é estabelecido pelo governo federal, por meio de um decreto do presidente da República. A última atualização das faixas de renda foi realizada em março. Na Zona Sul da cidade é onde se concentram mais famílias na extrema pobreza. Em janeiro de 2019, antes da pandemia, eram 412.337 famílias nesta situação na capital paulista. No mês de janeiro seguinte, em 2020, subiu para 450.351, um aumento de 9,21%. Em 2019, eram consideradas famílias em extrema pobreza aquelas com renda per capita mensal de até R\$ 85. Em 2020 e 2021, a renda per capita que atestou tal situação era de até R\$ 89. Nos três anos, os bairros de M"Boi Mirim, Capela do Socorro e Cidade Ademar, na Zona Sul, se mantiveram entre os que registraram os maiores números de famílias nesta situação, seguidos por São Mateus, na Zona Leste. Segundo Marcelo Neri, diretor da FGV Social, os números do CadÚnico não mostram os reais dados de extrema pobreza nos municípios, que podem ser ainda maiores. Continue lendo "Tivemos o processo de migração do Bolsa Família para o Auxílio Brasil, mas antes disso, vigorava o auxílio emergencial. Nessa passagem, houve o aumento do valor do benefício em relação ao Bolsa Família, mas diminuiu o número de beneficiários em relação ao auxílio emergencial, o que gera flutuações. O cadastro é um medidor de quem está sendo enxergado pela política, quem está sendo servido ou não", afirma. "Existe a questão da visualização, quantas pessoas realmente estão sendo vistas nesses números. Tivemos o aumento da população de rua, muitas dessas pessoas não estão incluídas no Cadastro Único, temos pouco investimento em assistência social para fazer uma busca de todas as pessoas que estão nessa situação", completa Neri. Essa situação acontece porque a inscrição no Cadastro Único é realizada somente de forma presencial. O CadÚnico é um registro que permite ao governo saber quem são e como vivem as famílias de baixa renda no Brasil. Ele foi criado pelo governo federal, mas é operacionalizado e atualizado pelas prefeituras de forma gratuita. Ao se inscrever ou atualizar seus dados, a pessoa pode tentar participar de vários programas sociais. Luiz Fernando Francisquini, coordenador de Gestão de Benefícios da Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo (SMADS), informou ao g1 que a elevação dos dados se deu por conta da mudança da regra de medição do CadÚnico, que começou a considerar famílias em situação de extrema pobreza aquelas que relataram receber R\$ 105 per capita mensalmente. Para o coordenador, o CadÚnico não é a única referência para medir a extrema pobreza no país, mas é a "mais adequada". "A medição da extrema pobreza muda de um ano para o outro, de 2021 para 2022 nós tivemos uma mudança na regra de medição, tomando como referência o Cadastro Único. Ele não é a única dimensão de extrema pobreza, mas é a régua mais adequada que temos no Brasil todo para identificar e quantificar as pessoas. A mudança foi a faixa de renda, até outubro do ano passado era

de R\$ 89 por capita mensal, em janeiro foi para R\$ 105, tivemos uma elevação da régua, que acaba incluindo mais famílias.” Esta será a aparência da legenda 1x Qualidade do vídeo Ótima Melhor Boa Automática Mais configurações de legendas Idiomas da legenda English Legenda DESATIVADA Mais configurações de legendas Efeitos Sem formatação Posição Parte inferior da tela Tamanho da fonte Médio Família de fontes Helvetica Cor da fonte Branco Cor de fundo Preto Transparência de fundo Asfixia social: Doações de refeições cobrem o vazio deixado por auxílio emergencial reduzido Sem conseguir nem mesmo os bicos que o mantinha com dificuldade, Cícero da Silva não compra as próprias refeições há um mês. “Estou parado, comendo com a ajuda dos outros: um me dá uma cesta básica aqui, outra ali, e assim eu vou levando; se não fosse a ajuda dos outros eu estava passando fome”, conta o desempregado morador do Jardim Damasceno, zona norte de São Paulo, na fila para receber duas marmitas para ele e o filho de 12 anos. Baixe o app do Yahoo Mail em menos de 1 min e receba todos os seus emails em 1 só lugar Assine agora a newsletter Yahoo em 3 Minutos A comida distribuída diariamente já pronta pela dona do bar da comunidade é o que garante a alimentação de pelo menos duzentas pessoas na comunidade, e que vem suprindo a falta deixada pelo governo e o auxílio emergencial reduzido que chegou apenas em Abril. No pior momento da pandemia da Covid-19, com mais de 4.200 mortes em 24 horas, milhões de pessoas foram buscar alguma renda na informalidade. Primeira a sentir a falta de dinheiro no bolso da comunidade, Kelly Menezes articulou uma rede de contatos e usa seu bar como ponto de distribuição das refeições: “Sem dinheiro, muitos foram pra rua, outros guardaram para pagar aluguel; quem não tinha com o que ganhar algo, passou a juntar lixo para reciclagem”, conta, revelando o nível de necessidade em 2021. “Esse ano piorou muito; sem auxílio emergencial as famílias não tinham condição de levar uma janta para casa”. Edyanny Alves é uma destas pessoas que apelou à reciclagem para ter alguma renda. Vivendo há três meses com R\$ 300 para ela, o marido e os dois filhos, ela reclama da concorrência. “Com a crise, é cada vez mais gente catando lixo para reciclagem, então aquele pouco que já tem com menos gente nas ruas, acaba repartido ainda mais; sobra muito pouco”, conta ela, que passaria fome não fossem as doações. 80% das famílias carentes dependem de doações para comer O cenário se repete por diferentes regiões da cidade mais rica do país. Em Paraisópolis, a associação de moradores vem desde Abril do ano passado organizando uma cozinha comunitária que recebe as doações captadas em parcerias com a Cufa (Central Única das Favelas) e o G10 Favelas, organização que reúne as dez maiores favelas do país. No melhor momento de 2020, eram distribuídas até 4.000 quentinhas todos os dias. Desde então as doações vêm minguando, e hoje o preparo se limita a 1.500. Pico das doações de refeições*: 2020: 4 mil 2021: 1,5 mil Queda de 62,5% Na fila das refeições e de barriga vazia, Margarida Nunes lamentava o risco de ser despejada. “Há noite que eu nem durmo, de tanta tensão, pensando de onde tirar dinheiro”, conta a ex-diarista, desempregada há um ano. O marido, que trabalhava em uma lavanderia, perdeu o emprego em Março, afetando o pagamento do aluguel. “Todos os dias eu venho pegar as marmitas, que eu como um pouco e guardo para a janta, e ainda a cesta básica”. Se não fosse isso, não saberia nem como fazer”, diz. Segundo levantamento do Instituto Locomotiva de pesquisa em parceria com a Cufa, 80% dos moradores de favela no país dependem de doações para manter a alimentação. Na pesquisa anterior, no final de 2020, esse índice era de 67%, indicando a pior na situação. Dependência de doações*: 2020: 67% 2021: 80% Aumento de 13 p.p. "Quanto mais pobre, mais chance de morrer pela Covid-19" “Não é à toa que todos os levantamentos sorológicos mostram que quanto mais pobre, maior o índice de contaminação; quanto mais periférica a área, maior o número de mortos pelo coronavírus”, afirma Renato Meirelles, diretor da instituição. Levantamento sorológico feito em agosto de 2020 em Paraisópolis revelou que metade da população da comunidade já havia tido contato com o coronavírus, enquanto a média de São Paulo era de 11%. Hoje essa taxa subiu para 33,5%, o que significa que um a cada três paulistanos já foi infectado pelo Sars-CoV-2. Inquérito sorológico SP: contato com a Covid-19? 2020: 11% 2021: 33,5% Aumento de 22,5 p.p. A pesquisa do Instituto Locomotiva também revelou que 70% dos 16 milhões de moradores de favelas ficaram sem dinheiro para comprar comida nas últimas duas semanas, e que a alimentação piorou. Em média, são menos de 2 refeições por dia por pessoa. As zonas norte e leste da capital, mais pobres, concentram quase a totalidade dos distritos com maior número de mortos por Covid-19 por habitante. Entre eles o distrito de Brasilândia, onde fica o Jardim Damasceno, onde Kelly Menezes distribui as quentinhas. Trata-se de um extenso cinturão de pobreza, com cerca de 20% da população vivendo em favelas, e que vem aumentando, com novas ocupações. Com a pandemia, quem vivia "no limite" caiu para a miséria Para o Frei José dos Santos, diretor presidente do Serviço Social Franciscano (Sefras), essa população vivia no limite, com condições de pagar moradia e alimentação simples, mas na pandemia caiu

para a miséria. “Vejo muita gente que teve de sair de favelas consolidadas para migrar para ocupações precárias, sem rede de água ou esgoto, barracos de madeira. É esta população que tentamos atingir com mais força”, conta. O Sefras é responsável por parte das distribuições de alimentos na zona norte, e no centro vem desde o começo de 2020 distribuindo comida, roupas e artigos de higiene para um perfil de pessoas que vem mudando no último ano. “Antigamente atendíamos sobretudo aquela população de rua crônica, que há anos vive nas ruas; hoje a maioria são famílias, gente que perdeu suas casas e veio para o dentro ou cruza a cidade para buscar alimento porque, com a pouca renda, priorizou ter um teto”, relata Santos. Famílias deixam o Bolsa Família para aceitar o Auxílio Emergencial Entre estas famílias está a de Maxuell Cardoso, que, com a companheira Verônica Aparecida, deixou a casa onde moravam em São Mateus para viver em um abrigo na região da República. Ambos perderam os empregos no fim de 2020, e em um cenário cada vez mais comum, tiveram o Bolsa Família substituído pelo auxílio emergencial, apesar deste último ser menor. “Meu bolsa de R\$ 270 foi bloqueado e na Caixa fui avisado que receberia agora em maio o auxílio, de R\$ 150”, reclama Veronica. Com o dinheiro eles compram produtos de higiene e poucos itens para os filhos de 10 e 6 anos, como bolacha e leite em pó. As refeições ficam por conta das doações. Todas as manhãs os quatro caminham ao Largo São Francisco para pegar a refeição do dia, que ainda é guardada para a janta. Na fila, Cardoso aproveita para relembrar com saudade em fotos no celular os momentos quando vivia sob sua própria casa: “Antes dessa pandemia nós tínhamos outra condição de vida, ia pra Shopping, churrascaria, era bastante legal; mas me dá ainda mais saudade ao olhar para eles e ver que eu podia dar outra vida a eles”. Enquanto a vacina anda a passos lentos, a economia rasteja levando consigo a fome a uma multidão na cidade mais rica do país.